



Carta Mensal

FEVEREIRO 2026



WEALTH MANAGEMENT

Rua Joaquim Floriano, 960 - 17º andar - Itaim Bibi - São Paulo – SP - Brasil - 04534-004

bsideinvestimentos.com



BSIDE
INVESTIMENTOS

WEALTH MANAGEMENT

Cenário Macroeconômico e Político

Rua Joaquim Floriano, 960 - 17º andar - Itaim Bibi - São Paulo – SP - Brasil - 04534-004

bsideinvestimentos.com

Carta Mensal

FEVEREIRO 2026

Cenário Macroeconômico e Político

Geopolítica, Fed e tarifas: não faltaram motivos para a cautela que tomou conta dos mercados ao longo do mês de fevereiro. Embora esse movimento não tenha sido plenamente refletido nos ativos locais — que, sustentados por um fluxo positivo de capital estrangeiro, continuaram apresentando bom desempenho — a percepção de risco no cenário internacional se intensificou ao longo do período.

No ambiente externo, o mês começou com discussões em torno da condução da política monetária, após a indicação de Kevin Warsh para presidir o Fed; passou pela questão das tarifas, depois da derrota do governo Trump na Suprema Corte; e terminou com o aumento das preocupações geopolíticas, diante das ameaças feitas pelos Estados Unidos ao Irã — que acabaram se concretizando no início de março.

Focando nos dois últimos pontos, que foram os que mais trouxeram apreensão aos mercados: a suspensão das tarifas pela Suprema Corte dos EUA, que considerou a cobrança inconstitucional, levantou dúvidas sobre os próximos passos da política econômica de Trump. Isso porque a arrecadação proveniente dessas tarifas é vista como um dos pilares para viabilizar iniciativas do governo, como o corte de impostos para empresas, o que acabou trazendo questionamentos também sobre a sustentabilidade de sua política fiscal.

No campo geopolítico, fevereiro foi marcado por uma intensificação relevante das tensões internacionais, reforçando um ambiente de maior aversão ao risco nos mercados globais. A escalada de ameaças e de conflitos em diferentes regiões — especialmente no Leste Europeu e no Oriente Médio — manteve elevada a preocupação com eventuais interrupções nas cadeias de suprimento e com possíveis choques em commodities energéticas, como petróleo e gás natural. Esse quadro se agravou com declarações mais duras de Trump, que afirmou ser “muito provável” um ataque ao Irã e chegou a sugerir uma “tomada de poder amigável” em Cuba. A concretização das ameaças ao Irã no início de março foi acompanhada por uma deterioração relevante nos ativos de risco e por uma busca mais intensa por proteção, favorecendo a valorização de ativos considerados seguros, como o dólar e as commodities metálicas.

Internamente, os mercados locais parecem ter permanecido relativamente alheios ao aumento da volatilidade e da aversão ao risco que marcaram o cenário global ao longo de fevereiro. O desempenho positivo dos ativos domésticos pode ser explicado, sobretudo, por dois fatores. O primeiro foi o fluxo de investidores estrangeiros que, diante de uma percepção de risco mais elevada em economias desenvolvidas — especialmente nos Estados Unidos — seguiram encontrando nos mercados emergentes uma alternativa de alocação. O segundo fator foi a crescente expectativa em torno do início do ciclo de corte de juros por parte do Copom.

Os dados econômicos divulgados ao longo do mês, no entanto, não apontaram em uma única direção. De um lado, o IPCA-15 de fevereiro surpreendeu para cima ao registrar alta de 0,84%, acima da expectativa de 0,54%, pressionado principalmente pelos grupos de passagens aéreas, educação e transporte público. De outro, o PIB do quarto trimestre de 2025 reforçou a leitura de que a economia brasileira chegou ao final do ano em ritmo praticamente estagnado.

Cenário Macroeconômico e Político

É verdade que a inflação mais forte que o esperado foi, em grande parte, influenciada por fatores sazonais — e, portanto, com impacto limitado sobre os números futuros. Ainda assim, novas altas em serviços e nas medidas de núcleo seguem mantendo um sinal de alerta para o Banco Central.

Quando observamos os dados de atividade, o quadro é de uma economia em clara desaceleração. O consumo das famílias perdeu força ao longo de 2025, saindo de uma alta de 1,0% no primeiro trimestre para 0,5% e 0,1% nos trimestres seguintes, até chegar à estabilidade no quarto trimestre. Trata-se de um movimento que reflete de forma bastante clara os efeitos defasados da política monetária contracionista. Embora a taxa Selic esteja em patamar elevado há bastante tempo, foi apenas no segundo semestre — e especialmente no final do ano — que seus impactos se tornaram mais evidentes sobre a atividade e sobre o crédito.

Outro ponto relevante quando se analisa o desempenho do PIB é a forte contribuição do setor agropecuário. Sem o impulso vindo do agronegócio e da indústria extrativa, o crescimento da economia brasileira teria sido de apenas 1,3% em 2025. O agro, sozinho, respondeu por 32,8% do valor adicionado total no ano, impulsionado por safras recordes em diversas culturas — com destaque para milho e soja, cujas produções avançaram 23,6% e 14,6%, respectivamente. Em outras palavras, o crescimento observado em 2025 foi concentrado e pouco disseminado entre os diferentes setores da economia.

Diante desse conjunto de indicadores — com inflação pressionada por fatores pontuais, mas atividade claramente enfraquecida — o cenário parece cada vez mais favorável para que o Banco Central inicie o processo de flexibilização monetária com um corte de 50bps, e não de 25bps. O fiel da balança nessa decisão, no entanto, pode não estar nos dados domésticos, mas sim na evolução do cenário internacional. Em especial, na dinâmica do conflito envolvendo o Irã e em seus potenciais impactos sobre os preços do petróleo e sobre a cotação do dólar. Caso o conflito se prolongue — ou mesmo que seja breve, mas acabe envolvendo outros países — o risco de pressões inflacionárias adicionais aumenta, assim como a possibilidade de efeitos sobre decisões de política monetária ao redor do mundo.



Mercados

Carta Mensal

FEVEREIRO 2026

Mercados

Renda Variável

As incertezas no cenário global continuaram favorecendo o fluxo de capital estrangeiro para a bolsa brasileira, levando o Ibovespa a registrar mais um resultado positivo em fevereiro. Com alta de 4,09% no mês — a sétima consecutiva — o índice acumula valorização de 17,17% no primeiro bimestre, configurando o melhor início de ano desde 1999. A influência desse fluxo fica evidente no desempenho das principais ações do índice, com destaque para as blue chips. A Vale ON, por exemplo, avançou 4,92% em fevereiro, elevando seus ganhos no ano para 22,94%.



Fonte: B3. Elaboração: B.Side Investimentos.

No que diz respeito ao fluxo, as entradas no período totalizaram R\$ 16,09 bilhões, levando o acumulado do ano a R\$ 42,4 bilhões.

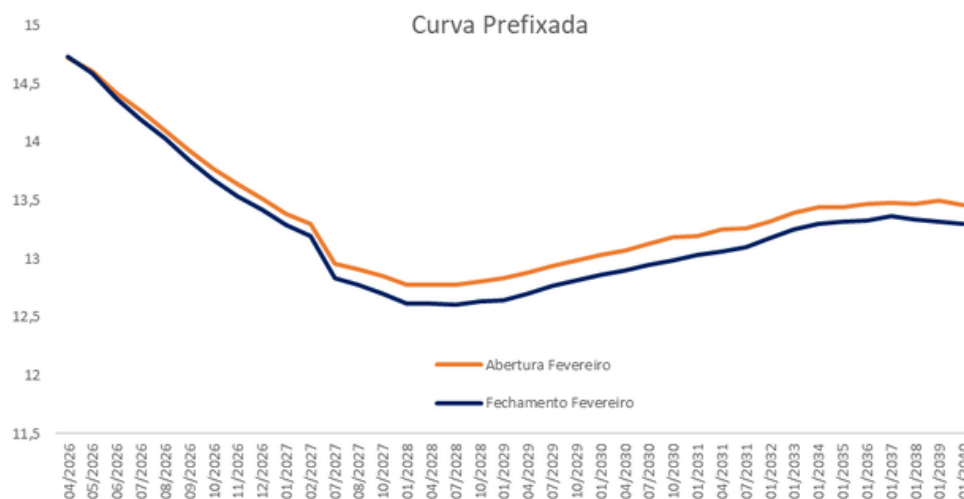
Juros

O fortalecimento do real frente ao dólar, aliado às expectativas de início do ciclo de cortes de juros pelo Copom, levou a um novo fechamento da curva prefixada ao longo de fevereiro. O movimento ocorreu apesar das preocupações com o cenário geopolítico, que só vieram a provocar uma correção mais clara no início de março. Também contribuíram para esse fechamento os dados de inflação e atividade divulgados no período, que reforçavam a percepção de que — ao menos antes da eclosão do conflito com o Irã — havia espaço para o início da flexibilização monetária com cortes mais agressivos da Selic.

Em termos de precificação, ao final do mês a curva indicava cerca de 85% de probabilidade de um corte de 50 pontos-base, contra 15% de chance de um movimento mais moderado, de 25 pontos-base.

Mercados

Juros



Fonte: Bloomberg. Elaboração: B.Side Investimentos.

Câmbio

O forte fluxo de capital para mercados emergentes continuou beneficiando o Brasil e o real, que também segue sustentado pelo elevado diferencial de juros em relação às principais economias do mundo. Nesse contexto, fevereiro foi mais um mês de queda para o dólar, que encerrou o período cotado a R\$ 5,1340, recuo de 2,16%. No acumulado do ano, a moeda brasileira já se valoriza 6,47%, o que faz com que o real tenha o melhor desempenho entre as moedas emergentes.

Desta vez, no entanto, o movimento não foi uniforme ao redor do mundo. O aumento dos temores geopolíticos, especialmente na última semana do mês, fez com que o dólar e o índice DXY encerrassem fevereiro relativamente estáveis na comparação com moedas fortes, como euro, libra e franco suíço.



Fonte: BCB. Elaboração: B.Side Investimentos.